

O Homem dos Lobos e as mulheres

*Ronald de Paula Araújo**

Resumo

Este artigo decorre de resultados parciais de uma pesquisa em andamento que tem por objeto o polêmico diagnóstico do Homem dos Lobos. O seu recorte é a relação do Homem dos Lobos com as mulheres ao longo de sua vida, o qual adquire relevância por ser uma questão pouco estudada. Os resultados obtidos, até o momento, confirmam a interpretação freudiana sobre as determinações da escolha objetal de Sergei Pankejeff e estabelecem conexões significativas entre ela e os desdobramentos afetivos posteriores ao seu tratamento com Freud, tendo como perspectiva de leitura as contribuições de Ruth Mack Brunswick.

Palavras-chave: HOMEM DOS LOBOS; DIAGNÓSTICO; COMPENSAÇÃO IMAGINÁRIA.

The Wolf Man and the women

Abstract

This article presents partial results of an ongoing research project that takes as its object the controversial diagnosis of the Wolf Man. Its focus is the Wolf Man's relationship with women throughout his life, a theme that gains relevance precisely because it has been little studied. The findings obtained thus far confirm Freud's interpretation regarding the determinants of Sergei Pankejeff's object-choice and establish significant connections between this choice and the affective developments that followed his treatment with Freud, adopting as a guiding framework the contributions of Ruth Mack Brunswick.

Keywords: WOLF MAN; DIAGNOSIS; IMAGINARY COMPENSATION.

L'homme aux Loups et les femmes

Resumé

Cet article rend compte de résultats partiels d'une recherche en cours consacrée au diagnostic controversé de l'Homme aux loups. Son axe porte sur la relation de l'Homme aux loups avec les femmes au long de sa vie, un thème qui acquiert de la pertinence du fait qu'il a été peu étudié. Les résultats obtenus jusqu'à présent viennent appuyer l'interprétation freudienne des déterminants du choix d'objet de Sergueï Pankejeff et mettent en lumière des articulations significatives entre ce choix et les développements affectifs qui ont suivi son traitement avec Freud, envisagés ici à travers les apports de Ruth Mack Brunswick.

Mots-clés: HOMME AUX LOUPS; DIAGNOSTIC; COMPENSATION IMAGINAIRE.

Introdução

Este artigo decorre de resultados parciais de uma pesquisa em andamento que tem por objeto o polêmico diagnóstico do Homem dos Lobos. O seu recorte é a relação do Homem dos Lobos com as mulheres ao longo de sua vida, que adquire relevância por ser uma questão pouco estudada, em particular "(...) o tema da irmã – degradada nas imagens das mulheres

* Psicanalista. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4016-4881>

E-mail: ronald_paula@yahoo.com.br

inferiores que podiam ser subjugadas pelo dinheiro (...)” (Schneider, n.d., p. 11) ¹.

Os resultados obtidos, até o momento, confirmam a interpretação freudiana sobre as determinações da escolha objetual de Sergei Pankejeff e estabelecem conexões significativas entre ela e os desdobramentos afetivos posteriores ao seu tratamento com Freud.

A metodologia utilizada é uma revisão bibliográfica com marco teórico psicanalítico. Adota-se o paradigma indiciário do historiador italiano Carlo Ginzburg (1939-2026), enquanto inspirado no método próprio de Freud. Trata-se do “saber venatório” que privilegia os detalhes, as pistas, os rastros... Contudo, como nos lembra Pura Cancina (2008, p. 94), “não somente está a observação, a leitura do traço, mas que ademais há uma narração que se vai produzindo pela qual essa leitura se transmite”.

Nesse sentido, debruçamo-nos sobre a exegese: do caso publicado por Freud; da compilação de Muriel Gardiner (1976) - *Los casos de Sigmund Freud, 1: El Hombre de los Lobos por El Hombre de los Lobos* - onde estão as suas “Memórias, cartas e relatos transmitidos”; do “Um suplemento à *História de uma neurose infantil de Freud*”, de Ruth Mack Brunswick (1928/2023); e das *Conversas com o Homem dos Lobos*, de Karin Obholzer (1993).

Os dados biográficos sobre Sergei Pankejeff são considerados como fontes da pesquisa, pois mostram-se fundamentais ao aprofundamento do debate sobre o caso. Nesse sentido, traremos dados que transcendem o caso clínico, especialmente no que diz respeito à sensibilidade intelectual de Sergei Pankejeff, colocando-o à altura dos autores estudados². Consideramos que “(...) acrescentar dados ao dossiê de uma história não elimina a necessidade de uma operação de leitura que extraia da biografia alguém que nos dê o sentimento de estar ali, em carne e osso” (Vieira, 2024, p. 781).

A consideração por tais fontes parte do argumento segundo o qual não se trata simplesmente de uma aposta na história para capturar o que dá vida ao caso, mas a exploração do lugar que importantes fatos, traços e atos ocupam “no mundo da pessoa” (Leader, 2013; Vieira, 2024), enquanto dados de sua estrutura psíquica.

No exercício da perspectiva freudiana, conforme a qual “(...) com seus casos clínicos clássicos, nos ensinou que construir o caso é construir a teoria” (Guerra, 2007, p. 196), observou-se uma intrincada rede de identificações e compensações imaginárias nas relações do Homem dos Lobos com as mulheres, que se configuram como elementos centrais de seu quadro clínico (Brunswick, 1928/2023; Leader, 2013; Schneider, nd).

Até o momento, o atravessamento do material confirma a criação e o funcionamento de variados recursos de estabilização psíquica por parte do Homem dos Lobos, ao longo de sua trajetória. Em relação a esses recursos, destacam-se, principalmente: a posição e a relação do Homem dos Lobos com a própria psicanálise e com a história da psicanálise enquanto “colaborador predileto” de Freud; a função da pintura das paisagens, cujas telas eram assinadas com a nomeação que o paciente recebeu de Freud; e, por fim, as compensações imaginárias nas suas singulares relações com as mulheres, que ora privilegiaremos (Leader, 2013).

Claro está que “(...) o texto de Freud ocupa o lugar de referência: foi ele que abriu a brecha e nomeou os significantes essenciais” (Schneider, nd, p. 6). Os que vieram se debruçar sobre o caso, mesmo que não falem com as palavras de Freud, “(...) sabem que elas estão ali, primordiais, pesadas e fortes, algo como um supereu teórico e prático que lhes prescreve seu lugar, ramos derivados do tronco fundamental” (p. 6), de onde partiremos.

A Governanta Inglesa e a Sedução pela Irmã

A mudança abrupta de caráter do menino — que adotou uma conduta rebelde, irritável e agressiva — é central na análise de Freud (1918/2024) para decifrar os enigmas iniciais do caso. O relato da mãe e da avó, que suspeitavam da influência de uma nova governanta, é incorporado à investigação. Segundo Freud (1918/2024, p. 640), “(...) a fase de mudança de caráter está indissolivelmente ligada a muitos outros fenômenos peculiares e doentios que ele (o paciente) não sabe pôr em ordem cronológica. Tudo isso (...) está cheio de contradições de conteúdo”.

Freud (1918/2024) analisa duas lembranças encobridoras em relação à governanta, em si mesmas incompreensíveis: “Uma vez, enquanto ela caminhava na frente, teria dito aos que a seguiam: Olhem só o meu rabinho! De outra feita, durante uma viagem, seu chapéu fora levado pelo vento, para a grande satisfação dos irmãos” (p. 644). O autor associa essas lembranças ao complexo de castração e faz a construção em análise de que uma ameaça feita pela governanta teria precipitado o comportamento anormal da criança. Como consequência dessa intervenção, emergiram sonhos nos quais o paciente manifestava agressividade dirigida à irmã ou à governanta, além de cenas de repreensões e castigos por tais atos. Contudo, esses conteúdos oníricos apresentavam-se de forma demasiadamente difusa, de modo que não foi possível “(...) obter um conteúdo seguro a partir da interpretação” (Freud, 1918/2024, p. 644).

Diante disso, Freud (1918/2024) infere que tais materiais psíquicos consistiam em “(...) fantasias que um dia o sonhador, provavelmente nos anos da puberdade, havia criado sobre sua infância e que agora mais uma vez emergiam dessa forma tão difícil de ser reconhecida” (p. 644). O entendimento sobreveio de uma vez quando o paciente se recordou de maneira repentina do seguinte fato:

A irmã agarrou o seu membro, brincou com ele, enquanto dizia coisas incompreensíveis sobre a Nânia (babá), como uma explicação. Que a Nânia fazia essas mesmas coisas com todo mundo, por exemplo, com o jardineiro, que ela punha de ponta-cabeça e agarrava seus genitais (Freud, 1918/2024, p. 645).

A recordação dessas reminiscências permitiu entender as fantasias até o momento coletadas: “Elas deviam apagar a lembrança de um processo que mais tarde a autoestima masculina do paciente considerou chocante, e atingiram essa meta colocando um oposto de desejo no lugar da verdade histórica” (Freud, 1918/2024, p. 645). Freud (1918/2024) conclui que, nessas fantasias substitutivas, seu paciente não haveria desempenhado o real papel passivo diante das investidas da irmã, mas um papel ativo no qual fora agressivo querendo vê-la nua. Por isso, teria sido repudiado por ela e castigado. Os ataques de raiva teriam se originado dessa situação (Freud, 1918/2024, p. 645). Ao mesmo tempo, tal fantasia era adequada a se entrelaçar na ficção com a governanta inglesa.

A sedução pela irmã ocorrera aos 3 anos e 3 meses de idade e “não foi nenhuma fantasia” (Freud, 1918/2024, p. 646). A comunicação de um primo mais velho, que diz ao Homem dos Lobos que a menina, então com 4 ou 5 anos, sentou-se em seu colo e lhe abriu as calças para agarrar-lhe o membro confirmaria a sua realidade (Freud, 1918/2024).

Freud (1918/2024) afirma que a governanta só pode ter tido uma participação muito distante da cena da sedução pela irmã e de suas consequências. Salienta que as cenas com a irmã aconteceram na primavera do mesmo ano em que, durante o verão, surge a governanta enquanto substituta dos seus pais ausentes. Quando esta insulta a sua Nânia, segue os passos da irmã que havia contado aquelas situações sobre a babá, trazendo para si a repugnância que o menino havia desenvolvido quanto à pequena sedutora, o que explicaria os ataques de fúria

dirigidos a essa governanta.

Toda essa dinâmica da sedução da irmã cumprirá uma função fundamental na interpretação freudiana que se desenvolverá.

A Irmã Anna

Como um garotinho, revelou-se indomável, iniciando um brilhante desenvolvimento intelectual, com uma inteligência “(...) aguda e realista, em seus estudos preferia as ciências naturais, mas também produzia poemas que o pai apreciava muito” (Freud, 1918/2024, p. 646). De espiritualidade muito superior aos seus primeiros pretendentes, costumava desviar-se deles. Aos 20 anos começou a sofrer inquietação, evitando todo contato social, queixando-se de não ser suficientemente bela.

Após fazer uma viagem com uma dama de mais idade, amiga da família, retorna contando coisas “inverossímeis”, como se a sua acompanhante a tivesse atormentado, embora tenha permanecido manifestamente fixada à suposta atormentadora. Pouco tempo depois, durante uma segunda viagem, envenena-se e morre longe do seu lar: “Provavelmente, sua afecção correspondia ao início de uma *dementia praecox*” (Freud, 1918/2024, p. 647, grifo do autor).

Para o Homem dos Lobos, a irmã era uma incômoda concorrente pelo prestígio dos pais, e ele sentia sua superioridade como opressiva. Invejava o respeito que o pai lhe dava por suas aptidões intelectuais, enquanto que ele deveria se conformar com uma estima medíocre (Freud, 1918/2024, p. 647). Após os 14 anos de idade, há uma melhora na relação dos irmãos, com uma comum oposição aos pais. Diante da puberdade, “(...) ele ousou buscar uma aproximação corporal íntima” (Freud, 1918/2024, p. 647), pela qual fora rechaçado.

O Homem dos Lobos narra uma cena que não está relatada no caso freudiano, na qual ele e a irmã olham um livro de fotos de mulheres nuas (Obholzer, 1993; Schneider, n.d.). Ao narrar a cena, Pankejeff fala na terceira pessoa, como se não se tratasse dele mesmo: “Sim, é verdade, ele [grifo meu] se aproximou dela, mas, afinal, era sua irmã, e aquilo não podia acontecer entre irmão e irmã” (Schneider, n.d., p. 11).

Com o rechaço sofrido, apartou-se da irmã e dirigiu-se para uma garotinha camponesa que tinha o seu mesmo nome: “Assim consumava um passo decisivo para a sua escolha heterossexual de objeto” (Freud, 1918/2024, p. 647), revelando uma tendência do Homem dos Lobos que o acompanhará durante toda a sua vida (Freud, 1918/2024).

A “Borboleta” Gruscha

O capítulo 8 do caso freudiano inicia com uma lembrança da época da sua conduta rebelde, comunicada pelo Homem dos Lobos muito ao começo da análise. Antes menosprezada como pequena parte de um todo, revela-se “(...) a chave para os mais importantes segredos que a neurose do doente encobria” (Freud 1918/2024, p. 728). Tal recordação retornava de tempos em tempos:

Ele perseguia uma linda e grande borboleta com listras amarelas, cujas asas terminavam em extremidades pontiagudas – portanto, uma rabo-de-andorinha. De súbito, após a borboleta pousar em uma flor, foi tomado por um terrível medo do animal e saiu correndo dali aos gritos (Freud 1918/2024, p.728).

Freud (1918/2024, p. 728) afirma que um detalhe desses não havia sido conservado na

memória por seu próprio valor, mas como lembrança encobridora ligada, de algum modo, a algo mais importante.

Certo dia, o Homem dos Lobos disse que “borboleta”, em sua língua natal, chamava-se “*babuchka*”, que, por sua vez, também significa “mãezinha velha”. Também discorrera que as borboletas lhe pareciam mulheres ou meninas, e os besouros e lagartas lhe pareciam rapazes. Logo, “(...) naquela cena de angústia, devia necessariamente ter sido despertada a lembrança de um ser feminino” (Freud 1918/2024, p. 729).

Um dia, emergiu-lhe uma recordação de que, antes da sua amada Nânia, ele tinha tido uma menina-babá que tinha o mesmo nome de sua mãe. As duas figuras fundiram-se na sua lembrança. Seria um primeiro amor esquecido. Mais tarde, o Homem dos Lobos ponderou que a menina não poderia ter o mesmo nome materno. Corrigiu o conteúdo através de um rodeio:

Num repente, ele teve de pensar num galpão que havia na primeira propriedade, onde eram conservadas as frutas colhidas, e num determinado tipo de pera de excelente sabor, grandes peras com listras amarelas na casca. Pera se chama, em sua língua, *gruscha* [grifo do autor], e esse também era o nome da ama. (Freud, 1918/2024, p. 730).

A borboleta encobria a memória da ama e as listras amarelas não estavam no seu vestido, mas na pera que tinha seu mesmo nome (Freud, 1918/2024, p. 730). Contudo, de onde proviria a angústia associada à tal lembrança, que, por si só, não teria razão de existir? A combinação mais imediata e grosseira é que tenha visto pela primeira vez nessa menina-babá os movimentos das pernas que havia fixado com o sinal do V romano, como os das asas da borboleta, movimentos esses que tornam acessíveis os genitais (Freud, 1918/2024). Freud (1918/2024) pondera: “Reservamo-nos essa articulação e esperamos por mais material” (p. 730).

A Cena com Gruscha e a Cena Primordial: a Condição do Amor

Logo depois, sobreveio uma importante lembrança, incompleta, mas precisa: “Gruscha estava no chão, ao lado dela havia um balde e uma vassoura curta feita com gravetos amarrados; ele estava presente, e ela o provocava ou o repreendia” (Freud, 1918/2024, pp. 730-731). O que faltava nessa recordação poderia ser introduzido de outros lugares. Nos primeiros meses da análise, ele havia contado sobre um enamoramento compulsivo por uma menina camponesa, quando ele tinha 18 anos, da qual adquirira gonorreia, o primeiro motivo pela procura do tratamento analítico (Freud, 1918/2024).

Nesses primeiros meses, resistiu fortemente para dizer o nome da moça. Freud (1918/2024) diz que se tratava de uma resistência isolada, pois, no demais, ele obedecia à regra fundamental da associação livre. O paciente asseverava que deveria se envergonhar muito de pronunciar tal nome por ser “(...) tipicamente camponês; uma moça mais distinta jamais o usaria” (Freud, 1918/2024, p. 731). O nome que finalmente pôde ser averiguado era *Matrona* - “Tinha som maternal” (p. 731):

Do fato propriamente dito de esses enamoramentos envolverem exclusivamente as moças mais inferiores ele não se envergonhava, apenas do nome. Se a aventura com a Matrona podia ter algo em comum com a cena da Gruscha, então a vergonha precisava ser transportada de volta até esse episódio anterior (Freud, 1918/2024, p. 731).

Para averiguar essas associações inconscientes e reconstruir a história do caso da neurose infantil do paciente, Freud observa que o Homem dos Lobos relatou certa vez a

história de John Huss³, tendo sua atenção voltada aos feixes de lenha que foram arrastados até a sua fogueira. Baseado em observações e estudos anteriores e posteriores, Freud (1918/2024) afirma que “(...) Huss (...) se torna (...) o herói dos antigos enuréticos. Meu próprio paciente relacionou o feixe de lenha na fogueira de Huss com a vassoura (feixe com gravetos) da ama” (pp. 731-732). Esse material servirá para preencher as lacunas da cena com Gruscha: “Quando viu a moça lavando o chão, ele urinou dentro do quarto, e logo em seguida, certamente brincando, ela fez uma ameaça de castração” (Freud, 1918/2024, p. 732).

Freud (1918/2024) justifica a atenção aos detalhes da cena, situando-a próxima aos dois anos e meio de idade, entre a suposta observação do coito dos pais na cena primordial (com um ano e meio de idade) – base para a interpretação central do caso a partir do sonho dos lobos⁴ – e a sedução pela irmã (aos 3 anos e 3 meses de idade). Segundo o autor, esse episódio “(...) estabelece uma importante ligação entre a cena primordial e a compulsão amorosa posterior, que se tornou tão decisiva para seu destino, e, além disso, **introduz uma condição amorosa que esclarece essa compulsão** [grifo meu]” (Freud, 1918/2024, p. 732).

Da Conexão Com a Cena Primordial a Uma Modificação na Condição do Amor

A conexão com a cena primordial não se deu sem uma modificação na condição do amor: da simples posição da mulher/mãe na cena primordial, com o “pai-lobo” elevado sobre ela (um ano e meio de idade), para *a atividade executada pela mulher* na cena com Gruscha. Daí a obrigatoriedade da escolha amorosa por mulheres com posição econômica, social e intelectual mais baixa que a do aristocrata.

A mudança na condição do amor vai se esclarecendo desde os relacionamentos mais simples e iniciais da vida de Sergei Pankejeff até os mais continuados e complexos,

(...) pois todas as moças por quem mais tarde veio a se apaixonar, amiúde sob os claros indícios de obsessão, eram igualmente serviçais cuja instrução e inteligência precisavam ser bem inferiores à sua. Se todos esses objetos de amor eram substitutos da irmã que lhe foi negada, então é possível refutar que, nesse contexto, **uma tendência a degradar a irmã** [grifo meu], a eliminar sua superioridade intelectual, que outrora tanto o oprimira, tenha obtido **o poder de decisão sobre sua escolha de objeto** [grifo meu] (Freud, 1918/2024, p. 647-648).

Freud cita dois acontecimentos que fundamentam a sua interpretação e construção.

O Homem dos Lobos, aos 18 anos, passeava pela aldeia que correspondia à segunda propriedade da família, quando viu na margem da lagoa uma garota camponesa ajoelhada ocupada em lavar roupa. Pela situação e pela atividade, no mesmo instante se enamorou da lavadeira, mesmo sem poder ver o seu rosto. Por esse mesmo processo, a vergonha associada à cena com Gruscha havia se ligado ao nome da Matrona (Freud, 1918/2024, p. 733).

Outro ataque de enamoramento demonstra de maneira mais nítida o influxo compulsivo da cena com Gruscha. Havia uma jovem camponesa que prestava serviço na casa que há muito lhe agradara, mas ele conseguira se conter. Um dia, foi tomado pela paixão ao encontrá-la sozinha, num cômodo, precisamente ajoelhada no chão, ocupada com a limpeza, com balde e vassoura ao lado, exatamente como acontecera com a menina babá de seus dois anos e meio de idade (Freud, 1918/2024).

Michel Schneider (n.d.) condensa o que se observa em *Conversas*: tirando o questionamento sobre a realidade da cena primordial pelo Homem dos Lobos, “Todo o resto ele aceita: **a fixação nas criadas** [grifo meu], os medos da castração, a gonorreia, **a sedução pela irmã** [grifo meu]; mas não isso. Os lobos, não” (p. 10).

Baseado no material que temos até aqui, podemos construir o seguinte vetor, em resumo: a mãe na cena primordial → Gruscha como primeira substituta da mãe (com modificação na condição do amor: da posição para a atividade executada pela mulher) → Matrona e as outras camponesas e criadas → Escolhas amorosas posteriores: Teresa, Polaca, prostitutas etc., e, por fim, Luísa.

Teresa

Um ponto ausente no texto freudiano, mas que corrobora com a sua tese, foi a situação amorosa com Teresa – uma enfermeira do sanatório indicado a ele por Kraepelin, em Munique, que haveria de se tornar sua primeira esposa. O rico aristocrata russo encontrava-se perdidamente apaixonado. Era impulsivo ao vê-la, sempre cercando-a em salas e corredores do sanatório. A maior parte das suas “Memórias” desse período descreve suas tentativas de encontro e a resistência de Teresa às suas investidas (Pankejeff, 1976, p. 68). Seus estados de humor nessa internação coincidiam com os pequenos sucessos e decepções nesse sentido.



Pankejeff com a sua esposa (1910)

Observou-se que a paixão por Teresa o acompanhara até Freud e fazia parte das suas preocupações mais atuais durante aquele tratamento, enquanto um elemento importante. Quando o Homem dos Lobos chega a Freud estava distanciado dela após um desentendimento, mas disposto a reencontrá-la e pedir-lhe em casamento: “Como é natural, isso influenciou desfavoravelmente em meu estado anímico. Durante todo o tempo me apossava a ideia de quando Freud concordaria que eu voltasse a ver Teresa, e estava continuamente colocando a pergunta”⁵ (Pankejeff, 1976a, p. 104). O Homem dos Lobos chega a comunicar que se recorda que Freud, certa vez, com bom humor, teria levantado as mãos sobre a cabeça e gritado em tom patético: “Faz vinte e quatro horas que não ouço o santo nome de Teresa!” (p. 104).

Sua insistência de nada lhe serviu. Freud era contrário ao seu reencontro com Teresa naquele momento e, até o fim de fevereiro ou começo de março de 1911, seu analista “(...) era de opinião de que todavia não havia chegado o momento e deveria esperar ainda alguns

meses” (Pankejeff, 1976a, p. 105).

Freud (1918/2024, p. 671) observa que “O fenômeno mais notável de sua vida amorosa, depois da maturidade, foram acessos de enamoramento sensual compulsivo (...) desencadeando nele uma imensa energia”, que o tomava e mobilizava, mesmo quando outras esferas de sua vida se encontravam inibidas. Ao longo do período de sua primeira análise, tal fenômeno relacionava-se diretamente com seu desejo de rever Teresa, conforme atestam os elementos comunicados pelo próprio Homem dos Lobos (Pankejeff, 1976a).

Sergei chegou a contratar uma agência de detetives para descobrir onde ela vivia e, com isso, conseguiu o seu endereço. Fora informado que Teresa havia abandonado o seu cargo no sanatório e que era dona de uma pequena pensão onde morava com sua filha Elsa. Ainda em 1911, vai a Munique encontrá-la:

Ao vê-la me senti profundamente comovido. Ela parecia espantosamente deteriorada e seu vestido fora de moda pendia de um corpo tão delgado que era pouco mais que um esqueleto. Dava a impressão de que todo sentimento houvesse fugido dela, pois ficou imóvel em minha presença, sem entender. Era essa a mesma mulher que eu havia abandonado em Berlim há justamente dois anos? E toda essa miséria e esse sofrimento eu mesmo os havia causado com meu comportamento impulsivo e precipitado!

Nesse momento decidi que nunca mais abandonaria essa mulher a quem havia feito sofrer de forma tão terrível. Minha resolução foi decisiva e irreversível, e desde então jamais duvidei de que havia sido boa e nunca a lamentei (Pankejeff, 1976a, p. 105).

O Homem dos Lobos reproduz uma carta em estilo de poema que Teresa lhe enviara recordando esse primeiro tempo de desencontros, lembrando a noite que ambos haviam se separado em Berlim:

(...)
 Uma batida se ouviu na porta...
 Será que podia ser ele?
 Oh, o que eu não teria dado
 para ele voltar para mim!
 Mas não, era uma carta
 que me feriu no mais profundo
 (...)
 Outra vez quero ser alegre
 e recuperar-me da dor.
 Quero dedicar minha vida a aquele
 por quem sangrou meu coração (Pankejeff, 1976a, pp. 106-107).

Teresa amou Sergei. O Homem dos Lobos, apesar das suas críticas à psicanálise, admite que a primeira análise com Freud o permitira casar-se com ela (Obholzer, 1993). Ele efetivamente aguarda o final da análise para tanto, segue a regra imposta por Freud para completar com êxito o tratamento: “(...) de que um paciente não deveria tomar uma decisão que influenciaria de maneira irreversível sobre o curso posterior de sua vida” (Pankejeff, 1976a, p. 107).

Em carta dirigida à Muriel Gardiner, datada de 23 de outubro de 1970, respondendo à sua demanda por um artigo em que o Homem dos Lobos avaliasse a sua análise com Freud, ele fala do seu enamoramento por Teresa como a principal questão que o assolava naquele momento:

(...) quando vim pela primeira vez a Freud, a questão mais importante para mim era se ele estaria ou não de acordo com que eu voltasse a reunir-me com Teresa [grifo meu]. Se, como outros médicos a quem já havia visto antes, Freud me tivesse respondido com um 'não', sem dúvida eu não teria seguido com ele. Mas, como o professor Freud esteve de acordo que eu voltasse à Teresa – não de forma imediata, é verdade, mas logo, de qualquer maneira – fiquei com ele. Esse arranjo, em um sentido positivo, do problema que mais me preocupava naquele momento [grifo meu], contribuiu muito, como é natural, a uma rápida melhora de meu estado anímico. Esse foi um fator muito importante, mas que se encontrava na realidade fora da esfera de minha análise com Freud (Pankejeff, 1976a, pp. 107-108, nr. 3).

Fica clara a importância clínica da relação com Teresa para a possibilidade da instauração da transferência enquanto motor do tratamento, bem como enquanto fator estabilizador para o Homem dos Lobos.

O “Complexo da Irmã”

O Homem dos Lobos nomeia a relação passional, tempestuosa e incestuosa com sua irmã esquizofrênica de “Complexo da Irmã” (Obholzer, 1993), cuja morte revelara um embotamento afetivo da parte do paciente de tal ordem, que fizera Freud (1918/2024) duvidar do seu diagnóstico de neurose obsessiva.

Anna se suicidara ingerindo mercúrio, o que lhe estragara os dentes, porque se achava feia por ter espinhas (Gardiner, 1976; Leader, 2013). O Homem dos Lobos vira o cadáver. Dentre outros fatores, o tipo de identificação com a irmã fará irromper a sua “crise do buraco no nariz” a partir de uma espinha estourada, conjuntamente com uma preocupação constante com os dentes (Brunswick 1928/2023; Leader, 2013).

O quadro vai se agravando desde 1921 até a sua terceira análise com Ruth Mack Brunswick, em 1926. A analista americana pôde observar e relatar, com a participação ativa do próprio Homem dos Lobos enquanto revisor do texto, todo o desenvolvimento do que diagnosticou como uma “paranoia hipocondríaca”, litigante aos vários dermatologistas e a toda uma série de dentistas (Brunswick, 1928/2023).

Brunswick e a Paranoia Hipocondríaca: o Problema do Diagnóstico

A década de 1920 é importante para contextualizarmos os recortes da pesquisa a serem apresentados a seguir, em relação ao papel dos relacionamentos mais duradouros para o Homem dos Lobos.

A crise do nariz e dos dentes acompanhada na análise com Ruth Mack Brunswick (1928/2023) abre as perspectivas do caso freudiano mais complexo. Jacques-Alain Miller (2012, p. 425), por exemplo, defende que o caso se trata de uma “psicose ordinária”, destacando que, embora psicótico, o paciente apresentava traços de neurose. O autor ressalta que pode se duvidar da psicose lendo Freud, mas o desenvolvimento do caso por Brunswick confirma o diagnóstico: “(...) o ponto de basta não está no livro de Freud” (Miller, 2012, p. 425). Brunswick (1928/2023) desfila um conjunto detalhado de situações de 1921 a 1926 das quais elegemos as mais importantes⁶.

Em 1923, o Homem dos Lobos sofre dois abalos: primeiro, testemunhou Freud com o rosto desfigurado após a primeira cirurgia de mandíbula em abril devido ao câncer; depois, voltou a vê-lo no outono, após o segundo procedimento. Como destaca Brunswick (1928/2023), a gravidade do estado de saúde de Freud era de conhecimento geral - inclusive do próprio paciente: “(...) a perda do equilíbrio obtido após a primeira análise se deveu à

doença de Freud” (p. 89). A autora acrescenta: “A ameaça de morte de uma pessoa amada mobiliza todo o amor. Mas o amor desse paciente pelo pai – representado por Freud – constitui a maior ameaça à sua masculinidade: satisfazê-lo envolve a castração” (Brunswick, 1928/2023, p. 89).

A possibilidade da morte de Freud faria o Homem dos Lobos cair de sua posição em relação à psicanálise, enquanto seu “colaborador” predileto (Leader, 2013, pp. 298-299), como também ameaçava as coletas de dinheiro que recebia, trazendo a preocupação, mais uma vez, com a posição de herdeiro, como tivera em relação ao seu próprio pai (Brunswick 1928/2023).

Logo após esses eventos, sua mãe chega da Rússia em novembro do mesmo ano, com uma verruga no nariz que sumia e reaparecia e “um tanto hipocondríaca” (Brunswick, 1928/2023). Em fevereiro de 1924, surge o principal fenômeno da doença atual, quase que concomitante aos problemas dentários: “(...) pensamentos estranhos sobre seu nariz (...) como seria terrível se *ele* [grifo da autora], por exemplo, tivesse uma verruga no nariz!” (Brunswick, 1928/2023, pp. 38-39).

Duas semanas depois do retorno de sua mãe à Rússia, em maio daquele ano, surge uma pequena espinha e a volta da constipação que fora apontada enquanto queixa principal do caso em Freud (1918/2024). Brunswick (1928/2023) observa que ele sempre voltava ao médico ou dentista com quem se sentira insatisfeito, tal como fazia em relação aos alfaiates durante a primeira análise com Freud.

Em uma nova consulta, um fato relevante ocorre: “(...) o médico havia se queixado de sua própria doença renal. (...) pensou consigo mesmo: **'Como é bom que eu, o paciente, seja realmente saudável, enquanto ele, o médico, tenha uma doença grave!'** [grifo meu] (Brunswick, 1928/2023, p. 40). Esse pensamento fixa-se em sua mente e “(...) seu prazer nessa situação lhe parecia merecedor de punição” (p. 41). Ao retornar para casa, o paciente, de modo involuntário, toca o nariz e percebe uma espinha dura sob a pele, que acaba arrancando. No lugar da lesão surge “(...) um buraco profundo”, tornando-se a sua principal preocupação. A partir de então, ele passa a observar-se no espelho em intervalos curtíssimos, na expectativa de ver algum progresso na cicatrização. Como consequência, “(...) ele não conseguia encontrar prazer em nada e **começou a sentir que todos estavam olhando para o buraco em seu nariz** [grifo meu] (Brunswick, 1928/2023, p. 41).

Essa condição se estabilizou temporariamente. As primeiras manifestações de preocupação com o nariz persistiram de fevereiro até aproximadamente o verão de 1924, abrangendo um período de cerca de seis meses. Contudo, em 1925, os problemas nasais ressurgiram durante a Páscoa, seguindo a lógica das “grandes datas” religiosas – um padrão já identificado pelo próprio paciente em relação à masturbação (Brunswick, 1928/2023). O quadro agravou-se progressivamente com a aproximação do Pentecostes, desencadeado pelo aparecimento de uma nova espinha:

No domingo de Pentecostes, ele foi com a esposa assistir ao filme *The White Sister*⁷. Com isso, lembrou-se da própria irmã, morta havia tantos anos; pouco antes de seu suicídio, ela manifestou a noção de não ser bonita o suficiente. **Ele se lembrou de quantas vezes ela também se preocupou com as espinhas em seu rosto** [grifo meu]. Muito deprimido, foi para casa (Brunswick, 1928/2023, pp. 43-44).

O paciente nutria a expectativa de que essa nova espinha desaparecesse até aquele momento. Brunswick (1928/2023) observa que o problema da verruga da mãe – que aparecia e desaparecia – e o problema das espinhas da irmã revelavam uma identificação de natureza distinta em seu analisante, relacionada às duas figuras femininas centrais de sua infância e

juventude.

A assistência do filme, com o seu enredo – centrado no conflito entre duas irmãs pela herança paterna –, associada às reminiscências sobre o suicídio da irmã e suas motivações, levou o Homem dos Lobos a consultar um novo dermatologista do *Krankenkasse*⁸ (Brunswick, 1928/2023). Durante a primeira consulta, o médico afirmou que a lesão facial era benigna e desapareceria espontaneamente. No entanto, após duas semanas sem melhora, o paciente retornou, recebendo, então, o diagnóstico de uma glândula sebácea infectada. Ao questionar sobre possíveis tratamentos, obteve uma resposta negativa, desencadeando uma crise: “E um enorme desespero tomou conta do paciente. Ele perguntou como era possível que não houvesse tratamento para tal doença, e se estava condenado a passar a vida toda com uma coisa daquelas no nariz” (Brunswick, 1928/2023, p. 44). A indiferença do médico reforçou sua preocupação. Segundo o relato psicanalítico, o paciente descreveu o episódio como um colapso: “(...) o mundo inteiro girou ao contrário. A estrutura da sua vida desmoronou. Esse foi o fim; **assim mutilado, ele não poderia continuar vivendo** [grifo meu]” (p. 44), ecoando as lamentações maternas que frequentemente ouvira quando criança.

Imediatamente após a consulta frustrante com o médico do *Krankenkasse*, o Homem dos Lobos procurou o Professor x., renomado dermatologista de Viena, previamente recomendado pelo próprio Freud (Brunswick, 1928/2023). O professor o recebeu com sua habitual cordialidade, tranquilizando-o ao afirmar que a condição poderia ser facilmente tratada. Esse momento reveste-se de particular importância clínica:

Com a ajuda de um instrumento, pressionou o local infectado no nariz do paciente: este gritou e saiu sangue do local onde a glândula estava. Como sua análise revelou mais tarde, **ao ver o próprio sangue fluindo sob a mão do médico, ele experimentou um êxtase agudo** [grifo meu]. Respirou fundo, mal conseguindo conter sua alegria. **Dois horas antes, ele estava à beira do suicídio, e agora um milagre o resgatara do desastre** [grifo meu] (Brunswick, 1928/2023, p. 44).

O êxtase agudo ilustra de modo paradigmático a experiência psicótica, particularmente no que concerne à impossibilidade de localização e delimitação do gozo no corpo pela ausência da inscrição da significação fálica no inconsciente (Lacan, 1955-56/2002, 1966/1998; Maleval, 2009, 2012). Por outro lado, o retorno da resposta da medicina, mesmo que temporário, reestabiliza-o momentaneamente (Leader, 2013), marcando a rápida transição do desespero a uma esperança a partir de uma intervenção médica concreta.

Dias depois, quando o sangue seco se desprendeu juntamente com a crosta da ferida, o paciente observou, horrorizado, “(...) uma elevação levemente avermelhada no local da ferida. Toda a área parecia inchada” (Brunswick 1928/2023, p. 44). Essa experiência reacendeu sua incerteza quanto à possibilidade de o inchaço desaparecer, ou se o médico do *Krankenkasse* estivera correto em seu prognóstico (p. 45). Paralelamente, seus problemas dentários ressurgiram, levando-o a consultar diversos dentistas, sendo cada consulta marcada por sua postura desconfiada. Percebendo seu nariz como aumentado, retornou ao Professor x., que, então, demonstrou desinteresse e delegou seu atendimento a um assistente. O Homem dos Lobos sintetizou sua condição: “Perseguido pelo destino e abandonado pela medicina” (p. 46).

O paciente, então, elabora uma estratégia para obter nova consulta com o Professor x., valendo-se da circunstância de sua esposa Teresa apresentar uma verruga nasal (condição que remetia à de sua própria mãe). Durante o atendimento, o médico remove a lesão da esposa, momento que o Homem dos Lobos aproveita para interpelá-lo, mais uma vez, sobre o seu próprio nariz. Irritado, o Professor x. diagnostica-o com “(...) distensibilidade vascular e que isso, como a verruga, seria mais bem tratado com eletrólise” (Brunswick, 1928/2023, p. 46),

marcando novo retorno para a realização do procedimento.

Por um lado, o paciente estava infeliz por ter uma nova doença, por outro lado, isso “(...) lhe deu uma esperança renovada de cura” (p. 46). Contudo, conforme seu padrão recorrente, ele duvida do diagnóstico: abster-se rigoroso de álcool, questiona a etiologia vascular sugerida. Teresa aconselha-o a abandonar as consultas com x.: “(...) ele está zangado com você (...) e talvez faça algo de que você se arrependerá pelo resto de sua vida” (Brunswick, 1928/2023, p. 46). O casal interpretava que o médico agora tratava mal o pobre refugiado russo, como não o fez em relação ao rico paciente estrangeiro de Freud.

Impaciente, decidiu fazer o tratamento prescrito pelo professor, mas, “(...) como sempre, queria uma opinião de controle” (Brunswick, 1928/2023, p. 47). Tal traço de procrastinação e dúvida poderia ser tido como característico de uma neurose obsessiva clássica. Entretanto, no caso do Homem dos Lobos: “Embora possamos encontrar todos esses traços numa neurose obsessiva, o quadro clínico mais amplo e mais detalhado sugere que eles fazem parte de algo diferente. (...) pela exploração do lugar que estes ocupam no mundo da pessoa” (Leader, 2013, p. 293).

O Homem dos Lobos recorreu a um novo dermatologista cujo consultório localizava-se na esquina da rua onde Freud residia. O especialista não apenas corroborou o diagnóstico anterior do Professor x., como também afirmou que as glândulas sebáceas infectadas haviam sido habilmente removidas. Embora considerasse a eletrólise um procedimento inócuo, julgou-o inadequado para o caso, recomendando, em seu lugar, a diatermia. Alheio à situação financeira do paciente e influenciado pela privilegiada localização de seu consultório, cobrou-lhe a tarifa habitual. Notavelmente, conforme registra Brunswick (1928/2023, p. 47), “O paciente, que não pagou nada a x., sentiu-se mais uma vez exultante por 'pagar como um cavalheiro'”. Essa reação paradoxal revela a complexa dinâmica psíquica do indivíduo, que encontrava na capacidade de pagar pelo tratamento uma forma de restabelecer sua dignidade.

Após esses acontecimentos, o Homem dos Lobos encontrava-se plenamente tranquilo em relação ao Professor x., reconhecendo que o médico havia procedido de maneira correta em sua conduta profissional até aquele momento:

Tomado por um espírito de extrema convicção e confiança, o paciente permitiu-se ser tratado com eletrólise por x., que, a seu ver, estava extraordinariamente amigável. Quando foi para casa, sua esposa gritou: “Pelo amor de Deus, o que você fez com o seu nariz?”. O tratamento deixara algumas marcas, o que, no entanto, não inquietou o paciente. A opinião do outro dermatologista sobre x. e suas palavras em geral restauraram de tal forma o equilíbrio do paciente que ele se sentiu mais uma vez dono da situação. Também teve uma curiosa sensação de ter se reconciliado com o primeiro dermatologista por intermédio do segundo (Brunswick, 1928/2023, pp. 47-48).

Identifica-se um padrão característico que acompanhou o Homem dos Lobos ao longo de sua vida: sua estabilização psíquica ocorria quando havia convergência nas opiniões dos especialistas, enquanto a divergência diagnóstica reforçava sua desconfiança crônica. Esse padrão manifestou-se inclusive em suas análises posteriores com Wilhelm Solms e Kurt Eissler, abrangendo diversas questões (Obholzer, 1993). Como observa Leader (2013), essa dinâmica persistiu até seus momentos finais - em seu leito de morte, o paciente clamava desesperadamente por orientação médica, atribuindo ao saber médico um caráter de absoluta autoridade até o último instante de vida.

O verão de 1926 “(...) trouxe o pleno desenvolvimento de seus sintomas” (Brunswick, 1928/2023, p. 49), com o delírio paranoico completamente estruturado em torno do Professor x. e do nariz. Em 16 de junho, o paciente procurou Freud para receber o dinheiro arrecadado,

sem relatar ou demonstrar qualquer aspecto de seu estado delirante. Subitamente, no dia 17 de junho, decidiu consultar o dermatologista que anteriormente o havia tratado e consolado uma vez.

Esse outro dermatologista não encontrou cicatrizes da glândula sebácea infectada, mas identificou uma cicatriz evidente na área tratada com eletrólise. Nesse momento, observa-se a repetição: o paciente, ao comentar que tais cicatrizes deveriam desaparecer, ouviu do médico a afirmação categórica de que “(...) as cicatrizes nunca desaparecem e não são passíveis de nenhum tipo de tratamento” (Brunswick, 2023, pp. 50-51). Brunswick (1928/2023) relata que o paciente foi tomado por um desespero profundo, diferente de qualquer outro momento de sua doença: “As palavras do dermatologista soavam sem cessar em seus ouvidos: as cicatrizes nunca desaparecem” (p. 51).

A sua estrutura paranoica, agora em completa crise, finalmente se demonstra na mais absoluta desesperança e pelos pensamentos em relação ao Professor x., que podemos classificar como o primeiro “perseguidor”:

(...) como poderia o professor x., o mais importante dermatologista de Viena, ter sido culpado de um dano tão irreparável? Teria sido por um puro e terrível acidente, ou por negligência, ou talvez até por uma intenção inconsciente? E onde (...) termina o inconsciente e começa o consciente? **Com todo o seu coração, o paciente odiava o professor x. como seu inimigo mortal** [grifo meu] (Brunswick, 1928/2023, p. 52).

A analista sustenta que o diagnóstico de paranoia exige um pouco mais de evidência do que a fornecida pela própria história do caso (Brunswick, 1928/2023, p. 77). Em sua discussão, ela estabelece uma distinção fundamental entre a hipocondria presente nas neuroses e “a verdadeira hipocondria” (Brunswick, 1928/2023, p. 77) característica dos quadros psicóticos, com os quais guarda maior semelhança.

Nos casos psicóticos, o termo hipocondria não designa uma ansiedade generalizada sobre a saúde - como ocorre nas neuroses de angústia - nem se confunde com a neurastenia. Antes, “(...) apresenta um quadro característico no qual há uma preocupação exclusiva com um órgão (ou, às vezes, vários órgãos), na crença de que está ferido ou doente” (Brunswick, 1928/2023, p. 77). A analista destaca que os sintomas iniciais frequentes na esquizofrenia exemplificam precisamente essa modalidade de hipocondria. Nesses casos, um leve mal-estar físico serve de base para a construção de ideias delirantes de doença, as quais surgem “(...) em geral (...) sem nenhum fundamento na realidade” (p. 78).

No que concerne especificamente à questão do nariz no caso do Homem dos Lobos, evidencia-se a certeza do dano sofrido por parte do paciente. Como analisado clinicamente, ao receber a informação de que “para aquilo não havia tratamento”, rompe-se abruptamente a relação especular que mantinha com os diversos médicos consultados - ou, em termos mais amplos, com a própria instituição médica - relação esta que, até então, atuava como fator de reestabilização em sua atividade reivindicatória (Leader, 2013).

O Suicídio de Teresa

Os eventos descritos a seguir apresentam indícios convergentes a um diagnóstico estrutural de psicose. O desenvolvimento da paranoia é fundamental para a compreensão e contextualização dos episódios subsequentes, particularmente no que diz respeito aos seus relacionamentos amorosos mais significativos e ao papel que essas relações desempenhavam em sua experiência subjetiva.

Inicialmente, observa-se que o vínculo profundamente significativo estabelecido com

sua primeira esposa não permitiu ao Homem dos Lobos elaborar o suicídio de Teresa, na procura por dar-lhe algum sentido. Ela se suicidara por inalação de gás de cozinha (Obholzer, 1993). Teresa havia planejado meticulosamente o ato: enrolou a bandeira nazista – objeto que constantemente os perturbava ao bater contra a janela – e escreveu diversas cartas de despedida dirigidas ao Homem dos Lobos durante o processo. Essas cartas continham orientações práticas sobre a vida em comum do casal, incluindo uma advertência explícita para que ele não acendesse qualquer chama ao retornar ao lar (Pankejeff, 1976b).

Obholzer (1993) afirma ser inconcebível que um indivíduo conviva com alguém sob o mesmo teto por anos, sem perceber qualquer indício de alteração no estado mental do outro. O suicídio ocorreu imediatamente após a ocupação nazista de Viena em 1938, evento que o Homem dos Lobos também parecia não perceber: “(...) na política sua atitude era de completa indiferença. Para minha grande surpresa, descobri que ele mal sabia que os nazistas estavam no poder” (Gardiner, 1976, p. 226).

Esse estado de alienação – tanto em relação à situação da esposa quanto ao grave contexto político e social da época – sugere uma possível inadequação do Homem dos Lobos ao discurso vigente naquele momento. Tal hipótese aponta para uma dificuldade de engajamento simbólico com a realidade compartilhada, com o liame social, seja em sua dimensão privada (o suicídio de Teresa) ou coletiva (a ocupação nazista de Viena):

O significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame. Ainda temos que precisar nesta ocasião o que quer dizer esse liame. O liame – (...) é um liame entre aqueles que falam (Lacan, 1972-73/1985, p. 43).

Colette Soller (2007), retomando o *Aturdido* de Lacan, pontua que “(...) o psicótico não está fora da linguagem, está “fora do discurso” (p. 63). Defendemos que não sempre, mas especificamente nos momentos de crise.

Nas suas “Memórias”, ele relata lembrar que Teresa havia falado rapidamente em abrir o gás, quando o casal comentava sobre a ocupação nazista, e que ela considerava o suicídio uma saída honrosa naquela ocasião (Pankejeff, 1976b). O Homem dos Lobos relembra o dia do suicídio:

Eu passei esse dia e os seguintes como se estivesse em um delírio no qual não se sabe se o que acontece é realidade ou um sonho espantoso. (...) A questão que seguia me martelando o cérebro era: como ela pôde fazer isso a mim? E se Teresa era a única estrutura estável na minha vida errante⁹, como poderia eu, repentinamente privado dela, seguir vivendo? Parecia-me impossível (Pankejeff, 1976b, pp. 144-145).

Imediatamente após o suicídio de Teresa, o Homem dos Lobos reencontra, pela primeira vez, Gardiner após o término da sua análise com Mack Brunswick, portanto, cerca de 12 anos depois, por acaso, nas ruas de Viena. Encontrava-se visivelmente perturbado, recém-saído do funeral da esposa, sendo incapaz de articular frases coerentes:

Não me saudou com seus modos cerimoniais de costume, mas começou a chorar e retorcer-se as mãos, deixando escapar uma torrente de palavras que, devido a sua emoção e seus soluços, eram totalmente ininteligíveis (...) a alterada voz do Homem dos Lobos (...) era quase um uivo¹⁰ (Gardiner, 1976, pp. 225-226).

Esse episódio, que sugere um possível desencadeamento significativo (Lacan, 1955-

56/2002), apresenta marcante contraste com a versão posteriormente registrada pelo próprio paciente em suas “Memórias”, em fase de estabilização clínica. Nessa narrativa tardia, há uma reconstrução do momento, descrito como uma visita previamente agendada na residência de Gardiner, caracterizada como uma tarde agradável na qual Sergei conheceu os filhos da amiga e ambos conversaram (Gardiner, 1976).

O teor das palavras finalmente entendidas por Gardiner, naquele dia de abril de 1938, inclui duas perguntas fundamentais do Homem dos Lobos que implicam a sua posição subjetiva diante do Outro enquanto absoluto:

Minha mulher se matou. Acabo de vir do cemitério. Por que fez isso? Por que tinha que acontecer isso comigo? Sempre tive má sorte, sempre me aconteceram as piores desgraças. Que faço agora, Frau Doktor? **Diga-me o que eu faço. Diga-me porque (ela) se matou** [grifo meu] (Gardiner, 1976, p. 226).

Luísa, a Última Esposa

Sobre esse último relacionamento, o próprio paciente reconhece seu vínculo compulsivo com Luísa como manifestação do que denomina “complexo da irmã” (Obholzer, 1993), em concordância com a interpretação freudiana original. Tratava-se de um relacionamento que se estendeu por mais de três décadas, período durante o qual Luísa contraiu matrimônio com outros dois homens sem o conhecimento de Sergei, mantendo simultaneamente práticas de extorsão financeira contra ele (Obholzer, 1993). Ele manifestava abertamente seu descontentamento, tanto a seus analistas mais recentes - K. Eissler e W. Solms, quanto a outros interlocutores, no sentido de buscar constantemente estratégias para romper esse vínculo (Gardiner, 1976; Obholzer, 1993). Em tom de frustração, declarou: “É impossível imaginar uma mulher que me seja menos adequada” (Obholzer, 1993, p. 153). Em suas entrevistas a Obholzer (1993), expõe o seu plano de matar-se também com gás, replicando o método empregado por Teresa, com o fim de fugir dos seus tormentos com Luísa. Essa temática recorrente ocupa espaço considerável nas discussões registradas no *'Conversas com o Homem dos Lobos'*.

Sobre esse aspecto, destaca-se novamente a perplexidade manifestada por Obholzer (1993), que expressou franca indignação diante da incapacidade do paciente de romper esse vínculo claramente patológico. É relevante registrar que ambos os analistas que o acompanhavam com maior regularidade concordavam quanto à necessidade premente de interromper essa relação, assim como a sua amiga Gardiner (Obholzer, 1993). Contudo, mesmo esse consenso técnico unânime mostrou-se incapaz de produzir mudanças concretas em sua situação afetiva. O paciente permaneceu cativo dessa dinâmica relacional até o final de sua vida - ou melhor, preso à função que esse relacionamento desempenhava.

O Homem dos Lobos chegou a ceder integralmente à Luísa os proventos financeiros obtidos com a publicação de suas “Memórias” (Obholzer, 1993). Essa atitude, assim como outros aspectos de sua dinâmica relacional, revela indícios de uma relação marcadamente especular, inclusive em seus episódios de violência. Um aspecto particularmente significativo desse padrão repetitivo, manifesta-se no modo como retomou o relacionamento após tê-lo interrompido brevemente: de forma fortuita, quando a encontrou saindo de uma alfaiataria (Gardiner, 1976).

Aos 90 anos de idade, admite a origem de tudo na sedução pela irmã:

H.: - **Sempre houve o problema das mulheres** [grifo meu]. A senhora me diz que fui feliz no

amor. Tive sucesso com as mulheres, com muitas poderia ter tido uma ligação mais adequada do que a que tenho com Luísa. Agarrei-me a uma pessoa impossível, e esse apego teve suas razões: **a sedução de que fui objeto por parte de minha irmã** [grifo meu], na qual desempenhei um papel passivo, ou sei lá o quê. Pode-se evocar, a propósito disso, uma multiplicidade de coisas, e também, não é, um certo masoquismo. Mas, agora, conheci a senhora e compreendi que toda essa atitude era errada.

O.: - Sua atitude em relação às mulheres?

H.: - Sim. Uma mulher como a senhora é que teria sido adequada para mim. **Não alguém como essas outras mulheres** [grifo meu]. Mas agora, é tarde demais! Não posso mais modificar coisa alguma, aos noventa anos (Obholzer, 1993, p. 267).

No caso específico de Luísa, essa dinâmica resultou em sua permanência prolongada em uma relação conjugal marcada por intensa conflituosidade (Obholzer, 1993). Concordamos com Schneider que essa relação tem

(...) um sentido importantíssimo. Através dele(a), o Homem dos Lobos pôde retomar e deslocar suas queixas relativas à análise e à alienação que o encerrava. Invertê-las, também no sentido de lhe pregar uma peça. Dar dinheiro a essa mulher cúpida era, é óbvio, reviver ativamente o que fora passivamente sofrido: a dependência financeira perante o analista (...) 'Tenho que ser o que dá dinheiro', disse ele a propósito de 'Luísa'. Havia nisso, sem dúvida, uma dimensão neurótica: ter obrigações perante as mulheres, acreditar-se forçado a seduzi-las, a sustentá-las, pôr fim à obsedante perseguição homossexual manifestada pelo medo dos lobos. Entretanto, receber pagamentos em dinheiro (...) o que lhe provinha dos 'Arquivos Freud' ou de seus direitos autorais, era, espiritualmente, fazer troça dos analistas. E recuperar o singular da primeira pessoa (...) o *Wolfsmann* [grifo do autor] escapou do “ele”, esplendor e miséria do ideal, pelo artifício de um “eu” às voltas com a infelicidade cotidiana (Schneider, n.d., p. 28).

A relação com as mulheres, desde a sua irmã, as criadas e camponesas, Teresa, as prostitutas e damas liberais, até a última e tempestuosa Luísa, remetem a uma compensação de ordem imaginária (Leader, 2013). Essa dinâmica desempenhou papel fundamental em sua longa estabilização clínica, atuando como substituto ou complemento às suas constantes querelas com os alfaiates (Freud, 1918/2024), com os médicos e os dentistas (Brunswick, 1928/2023), com a própria psicanálise e Freud (Obholzer, 1993), padrão que se manteve inclusive com os analistas subsequentes até o fim de sua vida.

Por fim, Schneider expressa o que nos mobiliza a prosseguir no campo aberto da pesquisa:

Se existe confrontação, ela se acha entre o que a análise diz de sua doença e o que ele diz da análise, de seu funcionamento, de seus sintomas e da doença que lhe é própria. O grande interesse desses textos sobre o Homem dos Lobos é o desfile de analistas a seu redor (...) Uma psicanálise que continuou pela vida inteira – quase setenta anos de tratamento –, e a qual uma frase de Winnicott viria responder: “A análise não é um modo de vida” (Schneider, n.d., p. 13).

A problemática em torno do diagnóstico do Homem dos Lobos abre múltiplas leituras e perspectivas que enriquecem o campo clínico da psicanálise a cada releitura, promovendo novas e instigantes descobertas, trazendo novas hipóteses de trabalho que possibilitam consequências na prática clínica.

Neste breve espaço, procuramos elencar aspectos das relações do famoso paciente de Freud com as mulheres, tendo como perspectiva de leitura as bases clínicas que alicerçaram as

posições dos seus dois principais analistas em torno do problema de seu diagnóstico.

Referências:

- Brunswick, R. M. (1976). Suplemento a la “Historia de una neurosis infantil” de Freud. In M. Gardiner (Org.). *Los casos de Sigmund Freud, 1: El Hombre de los Lobos por El Hombre de los Lobos* (pp. 179-221). Ediciones Nueva Visión. (Obra original publicada em 1928).
- Brunswick, R. M. (2023). Um suplemento à História de uma neurose infantil, de Freud. In *Escritos reunidos* (pp. 31-91). Quina Editora. (Obra original publicada em 1928).
- Cancina, P. H. (2008). *La investigación en psicoanálisis*. Homo Sapiens Ediciones.
- Freud, S. (2007). De la historia de una neurosis infantil: El hombre de los lobos. In *Obras Completas* (2ª ed., Vol. XVII, pp. 2-111). Amorrortu. (Obra original publicada em 1918).
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (O “homem dos lobos”). In *Obras Completas* (Vol. 14, pp. 13-160; P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1918).
- Freud, S. (2024). Da história de uma neurose infantil (caso Homem dos Lobos). In *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Histórias clínicas/Sigmund Freud* (1ª ed., pp. 631-773, T. L. C. Romão, Trad.). Autêntica. (Obra original publicada em 1918).
- Gardiner, M. (1976). *Los casos de Sigmund Freud, 1: El Hombre de los Lobos por El Hombre de los Lobos* (pp. 223-285). Ediciones Nueva Visión.
- Guerra, A. (2007). *A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência*. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. objdig.ufrj.br/30/teses/AndreaMarisCamposGuerra.pdf.
- Iannini, G. (2024). Apresentação – Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. In S. Freud. *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Histórias clínicas/Sigmund Freud* (1ª ed., pp. 7-13; T.L.C. Romão, Trad.). Autêntica.
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos* (pp. 537-590). Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (2002). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Jorge Zahar. (Seminário proferido em 1955-56).
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (2ª ed.). Jorge Zahar. (Seminário proferido em 1972-73).
- Leader, D. (2013). *O que é loucura?: Delírio e sanidade na vida cotidiana*. Jorge Zahar.
- Obholzer, K. (1993). *Conversas com o homem dos lobos: uma psicanálise e suas consequências*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1980).
- Pankejeff, S. (1976). Castillos en el aire 1908. In M. Gardiner (Org.). *Los casos de Sigmund Freud, 1: El Hombre de los Lobos por El Hombre de los Lobos* (pp. 65-91). Ediciones Nueva Visión.
- Pankejeff, S. (1976a). Cambios de decisiones 1909-1914. In M. Gardiner (Org.). *Los casos de Sigmund Freud, 1: El Hombre de los Lobos por El Hombre de los Lobos* (pp. 93-109). Ediciones Nueva Visión.
- Pankejeff, S. (1976b). El clímax 1938. In M. Gardiner (Org.). *Los casos de Sigmund Freud, 1: El Hombre de los Lobos por El Hombre de los Lobos* (pp. 139-154). Ediciones Nueva Visión.

- Schneider, M. (n.d.). O homem dos analistas. Tradução Vera Ribeiro. Inédito.
- Schneider, M. (1981). Préface: L'homme aux analystes. In K. Obholzer (Org.). *Entretiens avec L'Homme aux Loups: Une psychanalyse et ses suites*. Connaissance de l'inconsciente – Série: La psychanalyse dans son histoire. Éditions Gallimard.
- Soller, C. (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Jorge Zahar.
- Vieira, M. A. (2024). Posfácio Cinco. In S. Freud. *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Histórias clínicas/Sigmund Freud* (1ª ed., pp. 775-787; T. L. C. Romão, Trad.). Autêntica.

Notas:

1. Schneider, M. (N.d.). *O homem dos analistas*. Tradução de Vera Ribeiro. Inédito. Original: Schneider, M. (1981). Préface: L'homme aux analystes. In Obholzer, K. (1981). *Entretiens avec L'Homme aux Loups: Une psychanalyse et ses suites*. Connaissance de l'inconsciente – Série: La psychanalyse dans son histoire. Éditions Gallimard. A presente tradução do prefácio nos chegou às mãos através da generosidade de Marco Antonio Coutinho Jorge. O objetivo era que a tradução saísse em uma publicação de uma revista pela Jorge Zahar Editores, projeto posteriormente abandonado (Jorge, Informação Verbal, 2025).
2. Optamos por citar Sergei Pankejeff como referência, pois ele assina os textos que compõem as suas “Memórias” publicadas no livro de Muriel Gardiner (1976).
3. Teólogo e reformador tcheco (1369-1415), que criticou as doutrinas católicas, em especial as indulgências, a opulência da Igreja e a falta de participação das pessoas comuns na comunhão. Antecipou a Reforma Protestante do século XVI, de Martin Lutero e João Calvino. Foi excomungado em 1412, preso, condenado e queimado pelo Concílio em 06 de julho de 1415 (Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/jan-huss-os-primordios-reforma.htm>).
4. Tese fundamental de Freud sobre a etiologia da neurose obsessiva do Homem dos Lobos: a defesa/recalque (ou “rejeição”) ao desejo homossexual dirigido ao pai, com a identificação de base histórica com a mãe e sua posição na cena primordial.
5. Todas as citações das *Memórias* de Sergei Pankejeff e do livro de Muriel Gardiner são traduções livres do original espanhol. Cf. Referências.
6. A autora afirma no início de seu “Suplemento” que irá trazer as palavras e as lembranças do próprio paciente da forma mais próxima possível do que lhe fora relatado.
7. Reproduziremos aqui a nota de rodapé 6 da versão em português do “Suplemento”, que explica o interesse do filme para o caso: “*The White Sister* é um filme de drama mudo norte-americano de 1923 dirigido por Henry King, baseado no romance de 1909 de mesmo nome, de autoria de Francis Marion Crawford. O que torna o drama interessante para o caso clínico aqui apresentado é a relação entre duas irmãs após o falecimento do pai, o rico príncipe Chiaromonte. A filha mais velha, a marquesa di Mola, queima secretamente o testamento do falecido pai, de forma a receber toda a herança, nada sobrando à meia-irmã Ângela. A marquesa ordena que Ângela deixe o palácio naquele mesmo dia, revelando tê-la sempre odiado por se intrometer na relação afetuosa com seu pai. (N.T.)” (Brunswick, 1928/2023, p. 43, nr 6).
8. O serviço de saúde público da Áustria de então.
9. No original em espanhol: *cambiante*.
10. No original em espanhol: *alarido*.

Citação/Citation: Araújo, R. P. (2026). *O Homem dos Lobos e as mulheres* (Ano XVIII, no.1), pp. 144-141.

Recebido em:01/07/2026
Aprovado em:05/08/2026